

O HERALDO

Avença

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS: — LYS TER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

Publica-se ás quartas e sábados

Redacção, administração, composição, e impressão

Tipografia Democratica, Rua 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis — COMUNICADOS E ANUNCIOS — Cada linha, 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

A QUESTÃO DO 33

Está finalmente solucionada a momentosa questão que por nós foi movida contra alguns officiaes do 33.

No dia 20 de Julho do ano corrente, escrevemos as seguintes palavras:

«Correm pela cidade varios zuns-zuns, a respeito do batalhão do 33: Entre os republicanos, vai-se radicando a convicção de que a officialidade se torna suspeita e o caso é que se fez alvo das maiores vigilancias. Segundo a opinião corrente, o batalhão do 33 está um pouco avesso ás novas instituições, e é por isso que toda a gente nos diz: — É preciso não perder de vista os officiaes do 33.

Ha fatos que realmente nos autorizam a julgar fundamentadas estas suspeições. Lá pelo quartel, passam-se coisas que desdoiram realmente a fé republicana. Castigam-se e desrespeitam-se injustamente, com odio de principios, os subalternos que, sob o dolmen de soldados ou de sargentos, velam o destino da Patria, e para cumulo da senvergonha, faz-se gaudío e panelinha com os diferentes conspiradores, que por ordem do chefe do distrito, ali foram internados, sob prisão, para ficarem sujeitos sob a mais rigorosa incomunicabilidade!

Por estas e por outras é que os bons republicanos espreitam de noite o batalhão do 33.

Foram estas palavras, estas simples palavras, que levantaram tão grandes celeumas e ocasionaram tão expressivos alvoroços na cidade de Faro e tão animadas impressões por todo o Algarve.

Publicado aquelle pequeno *suelto*, o bom senso mandava que os officiaes visados, por si proprios ou interposta pessoa, viessem junto de nós provar que seriam menos verdadeiras as terriveis suspeitas que lançavamos ao seu brio de militares portugueses, amantes do seu país, e, como justa consequencia, pedir que sacassemos do espirito do povo a má impressão que as nossas palavras por ventura tivessem causado a respeito dos mesmos officiaes.

O bom senso não mandava outra coisa. E então, ouvidos na sua defeza os officiaes, fariamos nós só juízo, e podia ser que as razões alegadas por eles nos fizessem mudar de rumo em tão melindroso assunto.

Havia suspeitas? Havia. E tanto assim que os bons republicanos espreitavam de noite o batalhão do 33.

Mas taes suspeitas, se neste jornal se desfizessem as impressões que as nossas palavras tinham causado no espirito publico, deixariam de ter a menor importancia, e os proprios officiaes

tudo tinham a lucrar. Nós os tinhamos acusado, nós os poderíamos defender.

Não o quizeram assim. Apesar da sua consciencia lhes dizer que pesavam sobre as suas cabeças quaesquer responsabilidades, eles, como senhores da situação, antes se pronunciarão no sentido de fazer escandalos por meio de desafios, insinuações ofensivas, aggressões covardes e processos criminaes.

O major Alarcão usou de tudo que lhe foi humanamente possível para desviar de si todas as suspeitas, e ao mesmo tempo desacreditar a nossa dignidade de jornalistas e a nossa reputação moral. Antecipando-se a nós, requereu uma sindicancia aos atos do quartel, para se ver quanto eram infundadas as suspeitas que recaiam sobre a officialidade do batalhão. Por outro lado, e como se tanto lhe não bastasse, escreveu para os jornaes de Faro e de Tavira uma carta insultuosa, em termos incorretos, a desmentir sistematicamente uma serie de verdades que eram do dominio publico; desafiou-nos para duelo; agrediu-nos traiçoeiramente, e por triste vergonha, ainda nos processou criminalmente por abusos de liberdade de imprensa e pelo crime de aggressão pessoal!

Os outros officiaes, com especialidade o tenente Ramos e o capitão Luz, usaram de processos identicos.

A *Provincia do Algarve*, tomando a peito a defeza dos alvejados, yociterou contra nós as maiores insolencias, e alguns jornaes de Lisboa, principalmente a *Nação* e a *Mala da Europa*, sem conhecerem os poucos escrúpulos dos seus correspondentes, cairam tambem na insensatez de publicar informações menos verdadeiras, a favor dos citados officiaes e contra nós.

E até se deu o caso estravagante da *Provincia do Algarve*, na febre da sua ação inconciente cair em perigosas contradicções altamente prejudiciaes á causa que tolaemente defendia. Ela propria, que tão descabidamente se fez patrona dos acusados, cometeu a imprudencia de lhes chamar *officiaes monarchicos* e, ainda mais, levantou ás forças de terra e mar a suspeita de se quererem envolver na campanha movida contra a officialidade do 33! E apesar de tão expressivas declarações, ninguém houve que lhe pedisse contas, ninguém a chamou á responsabilidade. Nem mesmo os officiaes visados! Ninguém!

Houve jornaes que deram aos seus leitores a falsa informação

de que a cidade de Faro estava indignada contra nós e quebravalaças a favor da officialidade. E por isso, por esse infamissimo sentimento de calúnia foi que os mesmos jornaes, sem amor á Republica e sem respeito pela verdade, afirmaram, antes da sindicancia terminada, que *esta fora resolvida a favor dos officiaes, muito honrosamente para eles*.

Agora sim, que a primeira sindicancia chegou ao seu terminus, e a esta data ninguém por todo esse distrito ignora que as estancias superiores encontraram sufficientemente justificadas as nossas accusações. Por aqui se vê que e Povo, a *canalha*, a *rua*, tinha o direito de desconfiar e de fazer reivindicações.

A primeira sindicancia está resolvida e os tres officiaes que tanto se quizeram evidenciar, teem a estas horas o premio da sua atitude patriótica.

Falta agora ser resolvida a sindicancia dos ultimos acontecimentos, em que são gravissimas as responsabilidades do major Alarcão e do tenente Francisco dos Ramos, e na qual se definirão os premios do seu brio militar, pelas suas escandalosas aggressões tão covardes como traiçoeiras.

ECOS E CONSIDERAÇÕES

A eterna arca

Anda por ahi um menino qualquer que pretende difamar-nos com esta espalhafatosa afirmação:

«O sr. dr. João Pedro de Sousa vai apregoando republicanicos, mas já um dia falou mal da lei da separação do Estado das igrejas!»

O *Sul*, não sei de que dia, accusou-o d'esta falta, e ele não foi capaz de se defender.

Francamente, não vimos que o *Sul* atirasse contra nós, em qualquer dos seus numeros, essa tão lustrosa afirmativa. E quanto á circumstancia de já uma vez termos falado mal da lei da separação, é verdade que sim: foi por ocasião dum festa que se realizou no quartel do 3.º batalhão de infantaria 4.º

Quanto a nós, a lei da separação tem apenas o grande defeito de ser demasiadamente benevolosa para a igreja e para os seus senhores e creados.

Foi o que então dissemos e ainda hoje o sustentamos.

Au fil de la vie

Passou quasi despercebido no nosso meio literario o curioso livro *Au fil de la vie*, elaborado pelo formosissimo espirito da infanta D. Eulalia, de Hespanha, que o firmou com o pseudonimo de condessa de Avila.

É um capitulo desse curioso livro, em que os serventuarios da monarchia hespanhola farejaram intentos revolucionarios, que hoje fornecemos aos nossos presados leitores, numa versão liberrima de Lyster Franco.

O animatografo

Todas as noites que vamos ao animatografo gosar uns bocadinhos agradaveis, acontece que á saída ha sempre duas coisas em que todos reparam: é a circumstancia da porta que deita para a rua não estar amplamente aberta, de modo a facilitar a passagem dos espectadores, e a circumstancia da lampada eléctrica que fica por cima dessa

mesma porta se apagar justamente na altura em que o povo está mais aglomerado, a querer sair.

Não compreendemos a razão destes dois fenomenos.

Da porta meio fechada não provém nenhum lucro para a empreza, e da lampada poder-lhe-a resultar, quando muito, uma economia de cinco reis por cada noite.

Bom será então que os dois males se remediem para não desgostar os frequentadores do Circo.

Partiram

Partiram hontem para Lisboa os srs. drs. Candido Emilio de Sousa, tenente medico, e João Pedro de Sousa, director d'este bi-semanario.

Desfazendo

Tornam alguns moralistas a espalhar a vil e nojosa atoarda de que o sr. dr. João Pedro de Sousa foi administrador de concelho no tempo da monarchia, e até afirmam que ele pertenceu á *Sociedade Juventude Catolica*, instituição religiosa de Coimbra.

Infamissimas creaturas, que não tendo outras coisas que dizer, lançam mão de todo o genero de vilezas.

Pois não seria mais bonito apresentar as provas?

Desilusões

Como toda a gente sabe, a *questão do 33* foi resolvida contra os officiaes, e em virtude disso o major Alarcão e o tenente Ramos foram colocados no estado maior de infantaria, e o capitão Luz foi transferido para o 2.º batalhão de infantaria 20, aquartelado em Castelo Branco.

Antes da ordem do exercito vir publicada nos jornaes de Lisboa, havia ingenios que ainda supunham não ser exata a informação telegráfica do *Heraldo*. Mas hoje todos estão desiludidos.

Tambem ha ingenios que se dão ao incomodo de fazer constar que os dois primeiros, indo para o estado maior, obtiveram melhoria de situação.

Obtiveram sim, e eles que o digam. Que o diga principalmente o sr. major, a quem a brincadeira lhe reduziu a menos trinta mil réis os vencimentos de cada mez.

E tudo o mais são cantigas!

A rua...

Existe ahi, em qualquer parte da cidade, uma ruidosa agremiação de lingueiros, onde tudo se discute.

Numas das ultimas noites, um fidalgo,

sem ter leira nem beira
nem ramo de figueira,

para achincalhar o sr. dr. João Pedro de Sousa, teve a genjal ideia de dizer que outro dia o vira no jardim publico, a passear cum o José Domingos Lopes!

E ha homéns com tão grande baixeza de caráter, que não teem vergonha de fazer declarações de tal ordem, para mostrar o veneno que dejetam da sua alma!

Quem é o Domingos Lopes? Seja para eles o que quizerem: um pobre, um desgraçado, um miseravel, a quem os fidalgos, por taes motivos não deviam estender a mão. Isto para eles, — porque para nós, o Domingos Lopes é um homem de bem, um republicano sincero, um belo patriota, um bom amigo, e, acima de tudo, um heroe genuino, dos que prosciveram para sempre a dissoluta monarchia.

E depois, nunca nos envergonhamos de viver na rua, junto do povo, da *canalha*, porque no fim de contas, as nossas cartas de bacharel não podem negar, nem queremos negar, que nascemos humildes e que portanto ninguém poderá ter estranhiza de que um dia frequentemos os bailes da grande roda e que outro dia passemos ao lado dum pobre, que, por ser pobre, não deixa de ser honrado.

A EDUCAÇÃO DA VONTADE

(Contesse de Avila—Au fil de la vie)

A vontade é a faculdade de determinar livremente certos atos.

Para que a vontade seja sempre a consequencia da concepção de um fim nobre, é necessario impor-lhe uma condição feita dos exames e dos movéis contrarios.

Como diz Ribot: «*eu quero* constata uma situação, mas não a constitue». Por isso é preciso constituir esta situação pela formação do caráter, que não é mais do que a potencia da vontade. Isto obtém-se por uma educação progressiva e uma cultura latente da personalidade.

O ser humano deve imprimir a todos os seus atos uma unidade de direção e desenhar o seu caráter na ação.

A educação da vontade é indispensavel na vida, ainda que não seja senão para evitar o esforço inutil e para nos dar a previdencia moral.

Esta cultura leva-nos ao dominio do nosso eu, a persistencia marcada na ação e á unidade de conduta.

Considerada assim, a vontade toma uma importancia capital na vida do individuo; compõe uma das mais poderosas forças do mundo, o ato livre e voluntario, sob a vigilancia de um juizo são.

Se educaes no desejo do bem, do bello e do justo, a vossa vontade, nunca começareis um trabalho mental no momento em que circumstancias nefastas possam prejudica-lo, não fareis mais do que uma obra inacabada, não seguireis jamais um fim cujo terminus vos não pareça certo.

O imortal Guyan disse: — Aquele que não faz o que pensa, pensa incompletamente.

Ora para pensar completamente é preciso que uma ideia seja apoiada solidamente no conhecimento. Ora o conhecimento é o resultado da educação da vontade.

Esta educação fornece-nos uma inapreciavel energia.

Depois de se ter considerado o ato que se vai cometer, depois de ter discernido as consequencias, depois de ter avaliado a utilidade do ato a praticar e proporcionado a ação ao fim a atingir, o homem pode obedecer á sua vontade, se esta é esclarecida pela grande luz da moral. Ele assumirá assim, em pleno conhecimento, a responsabilidade das suas ações.

A noção de responsabilidade faz com que a vontade individual se encontre responsavel para consigo propria.

Desde que a educação da vontade está feita, a determinação pessoal é quasi immediata. Resulta d'aí que obvia-mos á perda do tempo, e que o não dispersaremos em hesitações, buscas e indecisões.

Além disso, como podemos pôr em jogo, por habito mental, as forças que nos pertencem, a noção da liberdade accusa-se mais fortemente e liga-se á da posse, isto é, á do fim a atingir.

A educação da vontade é de tal forma util que, sem ela, a inteligencia não pode exercer a sua influencia sobre as ações.

Assim se explica que, em nossos dias, haja uma tão grande quantidade de intellectuaes vitimados pela hesitação, pela duvida e incapazes de qualquer raciocinio logico.

A vontade educada traz uma grande estabilidade á existencia, em primeiro lugar porque permite realizar cada coisa em seu tempo, em segundo lugar porque impede a incoerencia dos sentimentos, dotando a razão de perspicacia e impedindo que pela reflexão metódica, não estabeleça, em nós as tempestades emocionaes tão prejudiciaes á saúde como ao livre arbitrio.

Não esqueçamos que a vontade de-

termina as ações verdadeiramente aproveitáveis e os caracteres verdadeiramente fortes.

A timidez por exemplo, tão nociva a tantas inteligências, não é mais do que uma falta de educação da vontade, um excesso de emotividade sem direção.

Quem não tem a consciência da lógica dos sentimentos, não sabe operar com o assentimento da razão.

E' preciso entender-se que pela educação da vontade, eu não pretendo falar de coação moral. O individuo deve sentir-se livre e ficar ligado somente a um ideal do bem que repele toda a ideia de autoridade e que nem a impõe nem a aceita.

Este ideal, verdadeira ligação ás concepções que nos parecem tão uteis a nós mesmos como a outrem, desenvolvendo-se sempre em virtude da educação da nossa vontade; é ele que determina uma forma metódica para o emprego dos nossos sentimentos e que afirma a consciência dos nossos atos.

Encerrar-mo-nos numa ideia sem que nada possa disrair-nos dela, isolarmos-nos, concentrarmos-nos, inflamarmos-nos para a sua realisação, obedecer á lógica, taes são as principaes qualidades da educação da vontade para que os nossos atos não percam o vigor proprio, antes o reforcem quanto possível.

A violência e a precipitação são os inimigos de toda a ação sabiamente determinada. O que se perde em intensidade pela reflexão, ganha-se em qualidade pelos resultados seguros da lógica.

Se fizerdes sabiamente a educação da vossa vontade, duplicareis a vossa existência, visto que, não tendo empreendido empresas inúteis, tereis realizado o maximo das vossas intenções.

E como todos os vossos atos serão realizados com plena consciência, experimentareis sempre a alegria de ter realizado uma obra meritória.

Lyster Franco.

MAIS ECOS E CONSIDERAÇÕES

Manifestação espontanea

Foi bastante significativa a manifestação de hontem, feita aos srs. drs. Candido de Sousa e João Pedro de Sousa, por motivo da sua partida para Lisboa.

A gare estava repleta de amigos de todas as classes, homens que produzem, que trabalham, filhos do povo que amam a Republica e não consentem que ela seja desprestigiada por traficantes e embusteiros sem escrupulos.

A partida do comboio, soaram numerosas palmas e deram-se entusiasmos e vibrantes vivas á Republica, ao Dr. Afonso Costa, á Liberdade, ao dr. Candido de Sousa, ao nosso dedicado diretor e amigo dr. João Pedro de Sousa, á Patria livre, ouvindo-se gritos successivos de *abaixo os traidores*.

O nosso estimado correligionario sr. José Antonio Ferreira, de Ferragudo, que acompanhou o sr. dr. Candido de Sousa e o nosso querido diretor, até Tunes, levantou entusiasticos vivas que foram delirantemente correspondidos pelo povo.

Conego Franco

Como envergonhado, palido e abatido pela injustica que contra ele cometeram e pelo desgosto que o tem minado, vimos ha dois ou tres dias, entre preso e solto, o conhecido conego Franco; e-se *mau homiem* que, segundo nos consta, foi sempre um belo carater e um sacrificado que trabalhou insanamente para a familia e para os amigos.

Pois foi contra este prestimoso e inofensivo cidadão que as incompetentes autoridades esvurmaram seus odios, sem se lembrarem de que todo o Algarve lhes conheceu a malvadez, o cinismo e a incompetencia.

Depois de tantissimos dias entregue ao poder militar e incommunicavel nos quartéis, foi remetido ao poder judicial. Oxalá que responda brevemente e que no dia aprazado se ajustem bem as contas e se desmascarem os hipocritas que deram causa a esta escandalosa injustica e que, fingindo-se republicanos, somente se prestam a complotar e a achincalhar o valor e a moralidade das novas instituições.

Desequilíbrios

Diz-se por ali abertamente que um celebre deputado algarvio, a propósito não sabemos de que, fez outro dia aos cabornarios do Algarve a *estondosa* ameaça de que os hade correr a chicote e a pontapé, e que assim hade dar cabo deles!

Mas já agora, é bom que se fique também sabendo uma coisa: na occasião em que o estravagante fez esta *gilescá* ameaça, não estava ao pé de si nenhum carbonario, nem gente que com eles se pãresse.

Sempre ha cada um!

Pois se ele até já fez o solene juramento de matar o dr. Afonso Costa, no dia em que este reassumir qualquer das pastas ministeriaes!

Ele aí va!

Depois de se despedir comovidamente de um celeberrimo cataplasma o unico que o abraçou; *tussiu, cuspiu*, e tomou o seu lugar na carruagem sorrindo á força de clisteres invisíveis, o triste cipreste, funebre como um dobre de finados, o esgalho enorme, que para nosso mal, ainda nos ficou da pestilenta monarquia escorraçada do paiz no glorioso 5 de outubro.

Que ao chegar ao ponto terminus da viagem, *requiescat in pace*.

Uma tempestade num copo de agua

Final de contas, depois da famosa *tentativa de assassinato contra um auzente*, averiguou-se que o Ludovico, aquele inconfundível avatar de El-rei D. Paulino, tinha licença de porte de arma, muito embora ele proprio ignorasse tal circumstancia, tal qual sucedia a muita gente boa que o venera e estima.

O mais interessante do caso, é que toda a gente comenta o fato desfavoravelmente e cai a fundo sobre o administrador tavnense, acusando-o de ter procedido no assunto com uma generosidade só comparavel á que D. Paulino habitualmente encontra no seu famoso reino da *Beijorachaduria*.

Pois não é o caso para admirações. E' ou não o Ludovico uma especie de *faz tudo* lá no jornal regionalista de Tavira, ainda que com a ajuda dos vizinhos?

Se é, não admira que uze revolver apesar de ser muito mais natural que uzasse navalha na liga.

Nota alegre

Quando da manifestação feita aos srs. drs. Candido de Sousa e João Pedro de Sousa, o cidadão José Antonio Machado, impulsionado por sentimentos patrióticos exclamou: *Abaixo os traidores*. o alferes Cabeçadas impulsionado também, mas por mola oculta; de um salto, chegou á janela da carruagem e qual ditador despota e mau, pediu a captura do referido cidadão.

Caso interessante e digno de riso, foi o sr. commissario aceder gostosamente á imposição do alferes, intumando o manifestante a não continuar com os *abaixos*, o que bastante indignou o povo que ainda se encontrava aglomerado na estação.

Que bicho morderia no anemico e *galante* alferes?...

E em que lei se baseou o sr. commissario de policia, para mandar calar o cidadão José Antonio Machado?

Tambem seria mordido por alguma vespa de arribação?

O que nunca se fez na monarquia faz-se hoje apoz' dois anos de Republica!

Ora... pois... paciencia!

As maiores coisas do mundo

O maior teatro é o da Opera de Paris; cobre uma superficie de um hectare e 21 ares, e custou cerca de 100 milhões de francos.

O vulcão mais ativo é o Popocatepelt ou «montanha fumegante» no sudoeste de Puebla, no Mexico. A sua altura é de 5.416 metros e a sua cratera mede 4.828 metros de circunferencia sobre 305 metros de profundidade.

O maior navio do mundo, era o Titanic.

A mina mais profunda é a de Lambert, na Belgica, onde se desce até 1.064.^m 15.

As maiores arvores são as arvores fosséis da California; mediram-se algumas que tinham 10 metros de diametro e 115 metros de altura.

O maior deserto é o Sahará, que mede 4.800 quilómetros de este a oeste, sobre uma largura média de 1.450 quilómetros; a sua superficie é de 6.000.000 quilómetros quadrados.

O sino maior do mundo é o do Kremlin em Moscou; a na circunferencia mede, na base, 20^m 740 a sua altura excede 6^m 57; seu peso é de 1967 toneladas metricas e um quintal.

Todavia, apesar de fenomenaes, nenhuma destas maravilhas se pode comparar com a competencia, zelo, tato, sizo, assiduidade, delicadeza, proficiencia, lhaneza e disvelo com que o nosso muito alto e poderoso senhor D. Paulino I, rei do Algarve e da *Beijorachaduria*, governa os seus felizes vassalós!

Verdades

Com o aparecimento da celebre licença de porte de arma do cidadão Ludovico de Menezes, constatou-se que os processos jesuíticos e intrujões da extinta monarquia, foram herdados

por algumas pouco escrupulosas autoridades da Republica.

Certamente não queriamos que o sr. Ludovico fosse enforcado, lá porque, num dos seus habituaes estados de exaltação-se lembrou de puchar de um revolver; mas desejavamos que os aulicos de D. Paulino tivessem procedido com a correção que o assunto reclamava, tratando-se de mais a mais da *sombra* de sua *magestade*.

Infelizmente, como é publico e notorio, sucedeu tudo ao contrario do que era licito esperar: Ludovico, que não tinha porte de arma, arranjo uma autoridade complacente que se prestou a passar-lh'a sem se lembrar de que *cometia* uma fraude, e, para cumulo, houve uma outra autoridade que devia proceder mas que não procedeu para dar tempo a que o supracitado Ludovico ultimasse os seus *arranjos e negociatas*!

O peor do caso é que tudo isto, que enojaria se não desse vontade de rir, se passa com o consentimento tacito de el-rei D. Paulino I, que, pelo visto, está sempre pronto a cobrir com a sua regedorial autoridade os seus dedicados servos!

Depois d'isto, só falta que salte de lá a *Provincia do Algarve*, orgão regionalista de Tavira, a chamar-nos nomes feios e a alcinhar-nos de desordeiros. Oh! O alcool! O alcool!

Ainda o sr. alferes

O *galante* alferes revelou publicamente a *muita* educação que os paes lhe deram em pequenino.

Com que então sr. alferes:—*Prendam-me esses malandros!*

Pois fique sabendo o *galante* alferes, que os radicaes de Faro, devolvem a afronta de carroceiro, que espetou, e... mais alguma coisa se fôr preciso. A creança é *energica*!!

Estimulante excretor

Beijo Rachado, o celeberrimo e dileto companheiro de D. Paulino I, desistiu da sua pretensão ao logar de administrador do concelho.

Quer coisa mais choruda e mais em harmonia com a sua competencia professional e faz bem.

Segundo ouvimos, o grande homem, alegando as suas superiores qualidades bicarbonatadas, sódicas, azotaticas, acetaticas, asniaticas e cloraticas, deseja á viva força ser nomeado para o logar de estimulante excretor e colocado na pagodeira civil cá do distrito.

Oxalá que seja aliendido. Já é tempo de ir fazendo justiça aos heroes de... *cuécas!*

Um descuido

O ultimo numero do nosso jornal saiu datado de 4 de agosto. Nada mais que um simplés descuido de quem o paginou e quiçá de quem o reviu.

Creemos que de fato não advieram prejuizos para nenhum dos nossos leitores e portanto... saude e boa disposição para novas leituras.

Choses

Segundo lemos no *Valenciano*, em resposta a um artigo da *Ilustração Portuguesa*, a proposito da incursão realista em Valença, apurou-se que o sr. capitão Lebre da guarda fiscal, que aparece naquella revista fotografado como heroe, *não tomou nenhuma parte activa na defeza, nem bateu o ex-tenente Sepulveda na ponte internacional*.

Não se admire o colega por tão pouca coisa. Também toda a gente sabe quanto é *simpatico* aos algarvios o sr. Paulino de Andrade e o *Seculo*, papá da *Ilustração*, lá vaé impingindo aos seus numerosos leitores *que todo o distrito de Faro se encontra em socego*, tendo *desaparecido certas divergencias*, e tudo isto devido aos bons esforços do sr. major Paulino, que é o que se chama um *barra* para desfazer tempestades e acalmar paixões!

Sempre ha gente muito trocista!

O heroe de Ferragudo

Conforme a noticia que demos, em virtude do telegrama recebido de Lagoá, o administrador do concelho mandou tirar os paramentos da igreja de Ferragudo, sem consultar a junta de paroquia.

Foi sem duvida um ato de força, positivamente ilegal. O povo indignou-se e não consentiu o abuso.

Foi mais um fato que veio atestar a má politica do chefe do distrito, que poderá servir para guardar pretos ou comandar galuchos, mas que de modo nenhum se deveria manter no logar em que todo o distrito o vê mal colocado.

A festa das aves

E' sabido que na America, afim de iniciar os alunos no respeito e na cultura das arvores, os professores tiveram a ideia de criar um dia de descanso, chamado *festa das arvores*, em que cada creança, abandonando livros, pe-

nas e cadernos, não têm outra obrigação que não seja a de plantar uma arvore.

Este processo de plantação deu tão bons resultados que certos amigos das aves, desejosos de as defender da crueldade natural das creanças,—acabam de conseguir também que, nas escolas, ao lado da *festa das arvores*, haja uma *festa das aves*.

Nesse dia fazem-se conferencias sobre a utilidade das aves, e organisam-se passeios na floresta, em que as crianças tomam o mais vivo interesse.

Oxalá esta festa se generalise e... ainda tenhamos ensejo para ver festejar o D. Paulino na sua *qualidade de melro de bico amarelo*...

Quatro Judas

Cristo foi vendido por trinta dinheiros, e o dr. Candido de Sousa, a troco de um livro de papel zig-zag, um leque de dez reis, a propina de uma barba e um sinapismo de vintem, foi infamemente caluniado por quatro Judas.

Ai! a consciencia de certos homens!... Repugnante bandallice!

RINDO

BENDITO E LOUVADO...

O sol tinha fustigado os pobres mortaes, caindo sobre eles, impiedosamente, como os lumes vivos da sua fogueira insupportavel. As ruas da cidade, levemente regadas pelo crivo da vereação municipal, evaporavam emanações vulgares de cheiros estonteantes. As bruxas e os vadios de todos os quilates e gradações, seguravam as esquinas e carcomiam as calçadas. Era uma tarde de setembro, das taes que ficam reitidas na memoria dos velhos e dos forasteiros, que são as duas categorias de socios que mais se prendem ás banalidades da vida.

E quando o sol, a rega, as valetas, as emanações, as bruxas e os vadios entretinham o espirito sensível dos velhos e dos forasteiros, ouviu-se na rua o estampido colossal e gigantesco, de uma granada cuja explosão alvoroçou toda a massa humana e toda a bicharia d'esta mo-Jorrissima cidade.

Era uma nova a rastilhar apressadamente pelos ouvidos curiosos da população de Faro; a noticia veloz que, tendo galgado centenas de quilómetros, pelos caminhos invisíveis de Morse e Haghes, tinha chegado até nós, com a sua rijeza inalteravel; era o disvelado arauta que vinha trazer aos centros de cavaqueira mais uma deliciosa eguaria para a refeição da noite.

—Olha o *Heraldo*!!—gritava entusiasticamente o mocinho da rua.

E os habitantes de Faro, prevendo que o revolucionario defensor da Republica trouxesse qualquer informação de peso, corriam á frente do rapazinho a comprar o numerosinho do dia.

A noticia estava espalhada,—era do dominio publico. Dois jornaes chegavam para que ela se divulgasse por todos os palacios e chafurdas, por todas as praças, jardins, ruas e vielas.

Estavam castigados os officaes do 33! Entretanto, os mesmos officaes corriam pressurosos em busca de S. Paulino, que os recebesse, que lhes mitigasse as dores, que os livrasse das penas do inferno e dos risos da humanidade farense.

—Vimos aqui,—diziam eles,—para que a tua influencia poderosa aniquile a vontade dos nossos adversarios e nos dê o socego preciso.

E o bom do governador, arvorado em santo-defensor dos infelizes, olheu para eles e falou assim:

—Queis que vos proteja? Pois contaes comigo e eu vos garanto que em vez de marchardes a pé, atravessando montes e vales, como o visionario da Galiléa, quando fugiu dos inimigos, ireis gostosamente embalados nos assentos almofadados das carruagens de 1.^a classe dos comboios do Estado. Sofrei o castigo! mas sede corajosos no sofrimento. E quando já estiverdes esquecidos das agruras d'este golpe, contaes com a minha valiosa protecção. E os officaes olhando uns para os outros, acolheram os hombros e disseram adeus a S. Silvestre.

Cá fóra, andavam já os garotos da rua, apregoando a plenos pulmões os jornaes de Lisboa, onde vinha confirmada a má nova das transferencias. E o Paulino esgasiava os olhos em derredor, numa inquietação febril, receoso de que as pernas o abrangessem também a ele e aos seus estravagantes processos de fazer politica.

Mas á burrasca passa e o mestre Paulino, voltando-se para Deus, entreabriu os labios e dizia a meia voz:

—Bendito e louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

D'esta vez ainda escapei!

Fio de Mel

Finura politica

O sr. dr. Antonio José de Almeida, o santo Antonio da Republica, é de uma finura politica incontestavelmente superior.

Arvorou o seu piedoso estandarte com as lagrimas das onze mil Lamurias politicas do paiz que o viu nascer e, qual judeu errante, foi em serafica peregrinação pelos arraiaes da poliitiquice, com a sua voz de apóstolo, divorciado dos seus irmãos de luta, pregar aos *peravoastros*, o perdão aos conspiradores que de capuz de lona, internados na Penitenciaria, sofrendo disciplinarmente os rigores mortíferos de uma prisão infame que os enlouquece e inutilisa, simplesmente porque o merecem.

Alma generosa e pura!... Politico de sangue, e fino como nenhum outro!...

Tarde piou. — Outros, primeiro do que ele, deram o grito de alarme. Outros, primeiro do que ele, condenaram essa maldita prisão, sepulcro dos vivos, inferno dos criminosos vulgares.

E n'esse tempo o coração d'este homem sensível que se enternec com o sofrimento do proximo, não sentiu a dôr suprema que hoje alcança o seu coração de justo e magnanimo. Os tempos eram bem outros!...

Hoje, o grande apóstolo, o Messias vermelho, combate o sistema penitenciario com o fim unico de alcançar adesões e simpatias na grande familia monarchica, a unica que também sem grande sacrificio, salvo honrosas mas escassas exceções, engrossa as fileiras do partido evolucionista de que é o supremo chefe. E' simplesmente por isto, que prega aos *parvoastros*. E' simplesmente por isto, que põe pranto e lagrimas nos seus *sermões*.

Alma generosa e pura!—Politico de sangue, e fino como nenhum outro! — Só ele vê, só ele sabe, só ele tem coração, só ele ama a sua tão querida Patria!

O que ele era e no que se transformou!...

Lembra-me ainda! Tempos, tempos, em que eu o cingia ao peito!

As lagrimas cingiam-me aos borbotões pelas faces, ipnotizado pela sua frase quente, sugestiva, eloquente e arrebatadora!

Por ele daria a vida se preciso fosse: era o meu idolo, o meu Deus, o meu guia espiritual.

Lembra-me ainda!

«Cidadãos: — Dentro da monarquia, sou republicano revolucionario; dentro da Republica, serei socialista; dentro do socialismo, serei anarquista.»

Dou por testemunhas os republicanos de Alcantara, socios do Centro de Educação Popular, do mesmo bairro.

O que ele era e no que se transformou!...

Dentro da monarquia, foi republicano, a sua obra de propaganda foi grande e fecunda. Dentro da Republica é... é o que todos sabem, conservador!... Ama a escoria tarada dos traidores, e odeia os que com ele trabalharam, punhando, arravez de todos os perigos e perseguições, pelo regimen que está implantado.

Desprezo e veneno, para estes, que o seguiram nos tempos dificeis, quando era o sublime revolucionario, para os que o levavam em triunfo, á saída dos comícios, para o automovel que o conduzia, coberto de loiros e benções do povo, ao seu consultorio de medico notavel.

Piedade e amor só para os miseraveis que tentaram a desordem no paiz, para os que traiçoeiramente assassinaram os seus irmãos, para os infames, para os degenerados, que, se podessem, fariam do nosso solo, um mar imenso de sangue!

O regimen penitenciario é tudo quanto ha de mais desumano, de mais cruel, de mais degradante; todos o sabem e ninguém o põe em duvida.

Mas esses infames merecem-no por defenderem uma causa vil, merecem-no por serem reinçidentes, merecem-no porque as suas almas são tão negras, os seus sentimentos são tão perversos, que já não ha regeneração possível. Atolaram-se num lodacal de ignominia. Não são homens. São feras!

Piedade para eles, só a pode pedir um desequilibrado, um mau inconciante. Um bom politico, nunca!

Eles não são unicamente criminosos politicos, são salteadores facinoras, incendiarios repelentes, a ultima especie.

«Mandem-nos para a cadeia!»

Como esta logica causa vomitos. Pelo visto, aos que cometem roubos insignificantes; aos que esfaqueiam

n'uma desordem; aos que matam por excesso de legitima defeza; dá-se... um premio de louvar.

Para remate d'este canto de sereia, que nem para adormecer meninos tem ritmo suave, vem o sr. Cunha e Costa com um cantochão beatifico dizer que:

«Alguns, são perfeitos homens de bem a quem todos confiariam oiro em pó. Que se vêem vezados, humilhados, escarnecidos, infamados, com a cabeça rapada, um numero por nome... martires que fazem brotar o pranto dos olhos mais duros. — Eu que tenho a lagrima facil, chorei tambem.»

Como estes politicos sabem mentir, quando querem armar ao efeito. Que finura politica!

«Os que não choraram não são portugueses: são paridos em Portugal, o que é diferente.»

Portuguezes sentimentalistas e de lei só... eles.

Ide santas creaturas. Entrem na Penitenciaría. Arranquem o capuz a esses maritres, ajoelhem aos pés de tão seraficos anjos. Peçam perdão de tão infame injustiça praticada pelos homens que querem ser livres. Ponham esses innocentes em liberdade que bem o merecem.

Depois impavidos, cabelos ao vento, fronte erguida e orgulhosa, exclamem sorridentes. olhos fitos um no outro:

«Praticamos um ato muito limpo, muito alto, muito nobre e até muito intelligente.»

Seria de um efeito cenico, deslumbrante. Ao longe ouvir-se-tam os sons melodiosos das bandas regimentaes, vibrando no espaço o hino da restauração monarchica.

Assim, sim! Perdiam a Republica, mas em compensação serviam a causa d'elles. Ai! os sentimentalistas!...

Como eles amam a Republica!

J. A. Machado.

Subscrição Nacional para a compra de aeroplanos

O Herald, sempre deseioso de contribuir para o engrandecimento da Patria Portuguesa, abre nas suas columnas uma subscrição, cujo produto será aplicado á compra de aeroplanos para serviço do exercito.

Esperanças em que todos os bons portuguezes nos auxiliarão dentro das suas torças, aqui deixamos o nosso apêlo e fica aberta a subscrição:

Transporte... 7800

Por Amor da Patria

A vida, essa cruz pesadissima que nos arrasta atravez dos seculos, até nos reduzir a pó, cinza e nada, é disputada pelo homem, desde a sua infancia á decrepitude, com verdadeira ancia e sofreguidão.

O homem ohegado que é á adolescencia, idade em que principia a conhecer os seus semelhantes, entra na fase perigosissima da vida, e qual tem por base fundamental a sua educação.

A educação do homem é um problema difficilissimo, porque se a não guiamos seguramente, decerto lhe morremos nas mãos como cúmplices das suas loucuras.

Quão belo não é ver e ouvir um espirito lucido, que brilha e vegeta cá neste mundo, elevado ás catedras mais eminentes pela sua rica educação scientifica!

Que lindo e sublime não é ver o homem, pela sua educação, amar a Patria, paiz onde nasceu, que adora sinceramente até ao fundo d'alma, sonhando para ela um progresso, a honra, um futuro brilhante, tudo que a eleve perante o mundo inteiro com verdadeira admiração!

Sobre a educação do homem em todo o mundo culto, desde os seculos passados até á actualidade, lembrando os Gregos que procuravam o belo e o que era bom, os Romanos que preferiam o util, e a inuvação dos Atenienses, eu não deverei deixar de dizer como portuguez que sou, que a boa educação do homem deverá basear-se sempre nos habitos adquiridos pelo exemplo e pela instrução, mas que a agua que corre dessas fontes de riquezas deverá ser limpida e cristalina, para que o coração do homem, bem formado, saiba e possa sentir todos os revezes da Patria, e por elle, pela sua bandeira, dar quanto for preciso, a vida, morrendo para a salvação de Portugal.

Honorato Vaz.

MUNDO EM FÓRA

Pelo estrangeiro

Inspira cuidados a saude do imperador da Alemanha.

Foram batidos pelas tropas francezas, em Marrocos, os partidarios do pretendente El-Hiba.

Considera-se perdido o dirigivel «Zappelin» que ao sair do respetivo hangar, em Johannistal, bateu na chaminé de uma fabrica, recebendo importantes avarias.

Faleceu em Chantilly, o duque Decazés, vice presidente do Automobile-Club, de França.

Está na Suíssa, onde foi festivamente aclamado pelo povo, o imperador da Alemanha.

O illustre democrata, sr. dr. Magalhães Lima, presidiu ao congresso do livre pensamento em Munich.

Não se confirmou a noticia de viajar a bordo do yacht inglez Alberta, com destino a Bombaim, o ex-infante D. Afonso de Bragança.

Os chefes insurretos de Mexico pediram a demissão do presidente Madero.

Em frente do Cabo de Peña, Hespanha, abalroaram os vapores de pesca Rafaela e Maria Candida. Este ultimo foi a pique, salvando-se a tripulação.

Na mina de Clarence, em Bethune, um grande explosão de grisu, matou 60 mineiros.

O comboio expresso de Florença e um comboio de mercadorias, chocaram-se na gare de Risle, havendo muitos feridos.

Naufragou no mar do Norte o vapor Koursk, pertencente á Companhia Russo-dinamarqueza. Pereceu toda a tripulação.

Em Londres, uma quadrilha de gatunos mascarados, introduziram-se de noite n'um teatro de variedades, clo rotornisaram o guarda-noturno e, dinamitando o cofre-forte, roubaram mil libras esterlinas e puzeram-se em fuga.

Em Pittsburgo, as tempestades teem causado grandes estragos.

Em Valencia, Hespanha, na sessão da camara municipal, os vereadores republicanos e carlistas travaram-se de razões, chegando quasi a passar a vias de fato.

Naufragou em Bilbao o veleiro hespanhol San Ignacio de Loyola, pe-recendo sete tripulantes, todos hespanhoes.

Embarcou em Vigo, com destino ao Brasil, o padre Domingos, de Cabeceiras de Basto.

Tambem embarcaram n'aquelle porto mais quarenta e nove couceiristas, que retiram para o Brasil.

A policia judiciaria de Barcelona, recebeu, informação particular de que estavam n'aquelle cidade numerosos sindicalistas com o fim de promoverem varias grèves.

Pelo paiz

Em Valongo a autoridade entregou ao poder judicial Maria Pires, que ministrou uma poção venenosa a uma filhinha de dez mezes.

Foram enviados ao tribunal e recolhidos ao Limoeiro os criminosos José Pisco e Alburuna da Silva, autores do estrangulamento de uma creança filha de ambos e cujo cadaver appareceu na Avenida Antonio de Aguiar, em Lisboa.

O sr. ministro do interior foi ha dias procurado por uma comissão de Cascaes e outra da Praia da Rocha que lhe pediram permissão para se continuarem a jogar naquellas localidades.

O sr. dr. Duarte Leite respondeu que tal não permitiria e que faria cumprir, em todo o paiz, a lei que proibe os jogos illicitos.

Pelo ministerio do interior foi expedida uma circular aos governadores civis, recomendando a maxima vigilancia sobre as casas de jogo.

Já foram entregues pelos testamenteiros de Fialho de Almeida os livros legados ao Estado por este illustre escritor.

O espolio da livraria de Fialho, foi transportado em 22 caixotes e consta de 4.545 volumes de literatura moderna, portugueza, hespanhola e francesa, filosofia historica e ciencias medicas.

E' considerado valiosissimo.

Em Vialonga manifestou-se com grande violencia, incendio num predio, morrendo asfixiada a filha do dono do predio.

A infeliz creança contava apenas 6 anos de idade.

Em consequencia de ter furtado alfaias e paramentos do extinto recolhimento de Arroios, foi preso José Lopes, antigo empregado daquele estabelecimento religioso.

O roubo, constando de uma grande quantidade de colchas, paramentos e alfaias de seda, foi avaliado em onze contos de reis.

Em Oliveira de Azemeis foi descoberto um «complot» para livrar manco-bos do serviço militar, mediante quantias de 50, 60, 80 e go mil reis.

Parece que o «complot» tinha entendimentos com o tenente medico miliciano dr. José Maria Soares, de Aveiro, o qual fazia parte da junta de inspecção e a cujos atos se está levantando uma sindicancia, achando-se já suspenso o suposto arguido.

O nosso presado colega O Democrata, de Aveiro, tem tratado desenvoltivamente desta grande imoralidade.

O rufia Antonio Pereira de Castro, por alcunha o Saloio da Mouraria assassinou a tiros de revolver, na rua das Galinheiras, em Lisboa, o seu camarada Serafim Esteves, o Serafim da Bica.

Foram condenados a penas maiores, pelo tribunal de Braga, mais 17 conspiradores.

O Diario do Governo publicou uma portaria estabelecendo varios preceitos relativos ao registo civil.

Iniciaram-se os exercicios de todas as Escolas de repetição.

Apurou-se que muitos daqueles medicos estavam implicados nas conspirações monarchicas.

O sr. dr. Brito Camacho vae ao Canadá representar o governo portuguez, em comissão gratuita, num congresso de lavoura seca que ali se efectua.

A bordo do paquete Tucuman passaram no Tejo, com destino ao Brazil, 62 conspiradores.

Em Elvas dois grandes incendios motivados pelas faulhas das maquinas dos comboios, destruíram as pastagens oliveas e sobreiras de quatro herdades, chamadas Poço da Vila, Casa Branca, Monsinho e Canas, numa area de quatro leguas quadradas.

Na estação do caminho de ferro da Casa Branca tambem se manifestou um violento incendio que destruiu cerca de cinco mil fardos de palha e cem de cortiça.

São grandes os prejuizos.

Pelo Algarve

Chama-se a atenção de quem competir para a falta de asseio que se nota em todas as ruas de Monchique.

Continua muito desanimada a epoca balnear na pitoresca Praia da Rocha.

DIA HISTORICO

3 de setembro

1631—Batalha de Leipzig ganha por Gustavo Adolfo aos imperaes.

1706—Batalha de Turim, ganha pelo principe Eugenio contra os francezes.

1750—Aclamação de José I

1812—Combate de Valladolid.

1812—Batalha de Moscovo.

1909—O Japão envia um ultimatum á China.

2 de setembro

1380—Ereção do padrão da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães.

1832—Primeiro ataque á Serra do Pilar.

1910—Chega a Lisboa o illustre categorico hespanhol, Rafael Altamira.

1 de setembro

1087—Morte de Guilherme O conquistador.

1458—Morte de Duarte I, de Portugal.

1533—Os portuguezes tomam e destroem a cidade de Baçaim, na India.

1823—Segundo ataque dos realistas á Serra do Pilar.

1844—Morte do bispo Francisco Alexandre Lobo, escritor distinto e pregador notavel.

10 de setembro

954—Morte de Luiz IV de França.

1585—Xisto V excomunga Henrique IV e o principe de Condé.

1756—Instituição da Companhia do Alto Douro.

1790—Deposição do papa Pio VI.

1813—Combate de Errazú.

1832—Terceiro ataque á Serra do Pilar.

1910—E' posto em liberdade um dos supostos autores do atentado contra o bispo de Bragança.

Repartição de Finanças

Hontem foi perguntado n'esta repartição modelo, o cidadão José Antonio Machado, escrivão das execuções fiscaes. Alguns aspirantes ali em serviço responderam que não conheciam tal individuo.

Admirando tal resposta, espozemo-la ao mesmo cidadão, que sorrindo nos disse, conhecer muitissimo bem os aspirantes moralistas e as suas façanhas.

POR ESSE ALGARVE

Almancil

Realiza-se aqui nos dias 22 e 23 do corrente uma grande festa civica, promovida pelos bons republicanos desta freguezia.

Consta-nos que a menina Maria da Piedade Miraiba foi pedida em casamento pelo sr. José Martins Galego.

Que o casamento seja breve é o que oós sinceramente desejamos.

Já regressaram do Alemtejo quasi todos os negociantes de cortiça, entre os quaes os nossos estimaveis correligionarios srs. Manuel Filipe Viegas, Francisco Xavier Leal e Ricardo José Barboza.

Fuzeta

No dia 30 do mez findo, indo em passeio minha mulher, nma cuobada e uma rapariga, a uns 60 metros, pouco mais ou menos, além da estação dos caminhos de ferro, dirigiram-se para a beira da estrada, afim de darem passagem a um carro que as seguia.

Olhando para a retaguarda, viram que no carro ia o sr. Domingos Xavier Pereira, vereador da camara e juiz de paz d'esta malograda povoação, e que o acompanhava um seu creado. O sr. Domingos Xavier Pereira, ao ver que as mulheres se retiravam, tirou propositadamente as redés das mãos do creado, e eucaminhou o carro para o local onde ellas se encontravam, e tanto se aproximou d'esse lugar, que ainda o carro tocou os vestidos da rapariga, não alcançando minha mulher e a cuobada, porque estas já se tinham retirado para uma valeta, d'onde puxaram a rapariga, no intuito de a não verem atropelada.

Ao verem o procedimento iocorreto d'este grande... magistrado, as mulheres cuspiram-lhe á face algumas frases injuriosas, ao que elle respondeu muito descaradamente que bem as tinha visto, e ria muito satisfeito da linda acção que praticara.

Peço ás autoridades competentes que tomem conhecimento d'este caso, e chamem á ordem o sr. juiz de paz, afim de prevenir outros atos d'esta ordem, que só trazem dissabores á sociedade e ás novas instituições.

José Luiz Corrêa.

Praia da Rocha

Nada mais triste do que visitar uma praia onde brilha por ausencia mademoiselle Batota!

Ha tristeza e melancolia por todos os cantos e nos logares onde a mais esfu-siante alegria costumava crepitar com efervescencias de Champagne Clicot, paira um enevoamento dolorido causador de caimbras e flatos!

Mademoiselle Batota! Haverá creatura mais insinuante, mais cheia de alegria, mais capituosa e dominadora!

Não, não ha; não existe no orbe terraqueo creaturinha que se lhe assemelhe e que em tão breves espaços de tempo possa fornecer aos tristes mortaes uma tão grande e variadissima série de sensações novas...

Mademoiselle Batota! O seu nome é talismã maravilhoso ante o qual se franqueiam baucas e salões esplendidos!

E' impulsionados por ella que os frequentadores assíduos das praias sacrificam ao luxo e nos dão, todos os dias, a horas certas, o espetaculo maravilhoso dos seus colarinhos reluzentes, dos seus punhos phenomenaes e das suas gravatas espalhafatosas.

E', movidas intimamente, pelas imperiosas influencias de mademoiselle Batota, que as damas, galantes — no intuito gentil de maravilharem o bicho-homem, — passam em frente das suas psyches, no recanto morno dos seus gabinetes de toilette.

Por isso, quando ella falta, falta tudo. Não ha riquezas, não ha alegrias, não ha coisa alguma capaz de dulcificar as agruras da existencia aos miseros mortaes que buscam no viver ficticio das praias o refugio para longos aborrecimentos cortidos nos longos mezes da trabalhadeira obrigatoria.

Mademoiselle Batota! Que tristeza causa a sua ausencial Nem as reuniões femenis revestem o costume do brilho, nem os velhos experimentam o suave aconchego resultante de ficarem algumas horas, emparceirados, numa solidão cadeuciada por movimentos quasi inconcientes, em frente ás mezas de jogo!

Pois todo esse desfazer, todo esse infortnio feito de tristuras e isolamentos, acaba de esabar como terrivel flagelo sobre esta linda praia, outróra tão movimentada e cheia de garridice.

Faltou Mademoiselle Batota, impossibilitada de descer até estas paragens pelo gesto draconiano do sr. Paulino, — uma creatura que não tenho a honra de conhecer, mas que varias pessoas me dizem ser mais feroz do que Nero, Calígula e outras irritantes creaturas, — e com ella faltou toda a borda bizarra dos seus pro-sélitos e admiradores.

E' por isso que vemos a praia quasi deserta. De dia, as sombras das rochas estendem-se melancolicamente sobre a areia clara sem experimentarem o grato prazer de refrigerar os grupos bellicosos de banhistas gentis e á noite, as salas do casino, teem o aspecto tristonho de necropoles abandonadas, onde se cruzam vultos tétricos de gatos pingados!...

Dir-se-ia que a vida moderna, todo este alegre bulicio resultante dos progressos da nossa civilização burgueza e interessante, votou a linda praia ao mais criminoso dos abandonos.

Mulheres gentis, cavalheiros aperaltados, loiros babys alegrando o ar com seus risos de cristal, foi mal que lhes deu e ainda este ano por cá não foram vistos!

Para cumulo, ainda ha pouco, ao contornar um destes muitos rochedos cor-de-juba-da-leão, que o bater incessante das aguas isolou da massa geral das rochas, divisei tres ou quatro vultos senhores.

Tres senhoras... Eram as senhoras Levandiscas e essas, mesmo por cunulo, mesmo por azar, traziam os seus chapéos floridos... do ano passado!...

NOTICIARIO

Acompanhado de seu pae, partiu para Albufeira o sr. Joaquim Alexandre Xabregas Junior.

Foi veranejar para a Praia de Monte Gordo, hospedando-se em casa do sr. capitão Moreira de Sousa, a sr.ª D. Helena Julia Serpa, gentil filha do nosso amigo sr. Antonio Serpa, 3.º official da Inspeção de Finanças.

A' DESPEDIDA

Entre os muitos cidadãos que foram abraçar os srs. drs. Candido de Sousa e João Pedro de Sousa, vimos os srs:

Eduardo Augusto Marques, medico da armada; Antonio Serpa, 3.º official de finanças; Elias Augusto Xaves d'Almeida; José Antonio Ferro, empregado das Obras Publicas; Manuel Francisco Costa, comerciante; Sentob Sequerra, comerciante; José Martins Ramos, farmaceutico; Joaquim Lopes do Rosario, fiscal de cortiças; José Antonio Machado, escrivão das execuções fiscaes; José de Calazans Duarte, secretario da administração; José Martins Cunha, comerciante; José Domingos Lopes; Feliz das Dores Prazeres; Armando de Brito, escrivão de direito; José Antonio Ferreira, agrimensor; Inacio de Sousa Prazeres, juiz de paz; tenente Crispim, Bartolomeu de Mendonça, comerciante; Francisco Mateus Fernandes, comerciante; Caetano Mestre sargento da armada; sargento Madeira de infantaria 4. Antonio Pedro Franco da Cruz, ourives gravador; José Braz de Azevedo, Alfaiate; dr. Francisco Vaz, d'legado de saude; Francisco Martins d'Oliveira, 3.º official de finanças; Manuel Almeida e Jaime Vaz Velho da Palma, tipogrfas; Rodrigo de Sousa Valente, chefe dos impostos; Antonio Guimarães Xavier, escriturario dos caminhos de Ferro do Estado; Francisco Simões da Fonseca Vivaldo, alferes da reserva; José Nobre Teixeira, farmaceutico e outros senhores que não nos occorrem os nomes.

CARTERA

Fazem anos: Amanhã, 8.—D. Maria Luiza de Brito, D. Celeste Raquel, D. Joaze de Bastos, D. Manuela Guerreiro da Costa Oriz, D. Joaquina da Encarnação Gonçalves, D. Antonia Tereza Silvario, Major Paulo Gomes, Antonio Cipriano de Sousa, Manuel Evaristo Ferreira, Antonio Alberto Meirinho, Alfredo das Dores Costa e o moineo João Eduardo Lopes.

Segunda, 9.—D. Laura de Castro e Alfaro, D. Maria da Purificação Afonso, D. Eugénia Leite Ribeiro, D. Isabel Filipa Ribeiro, D. Maria Amélia de Matos, Joa-Francisco Vieira, Antonio Franco, Frederico Guerreiro Cabrita, Alvaro das Dores Conha, e Matias Gomes Sanchez.

Terça, 10.—D. Maria dos Martires, Xavier de Oliveira da Silva, D. Angola Pereira Ramos, D. Augusta Guimarães da Silva, D. Joaquina de Mendonça Pereira, D. Maria Fernandes Freire, José Antonio Rafael, Eduardo Mendes Jacinto, José Quintino de Mendonça, Justino de Oliveira Montez e Antonio Carlos Brito Varela.

Quarta, 11.—D. Adelaide dos Santos Moreira, D. Silvina Augusta Baodeira, D. Maria Antonia do Carmo Pontes, D. Josefa de Mendonça Soares, D. Juliana Perez y Dominguez, D. Lucilia Lopes Martins, Antonio de Sousa Branco, Alvaro Ramos de Oliveira, Eduardo Fernando da Costa, Alfredo da Silva Matos, Candido Manuel da Silveira e João Augusto da Triandade.

GOVERNANTA

de casa, precisa-se d'uma com a idade de 50 a 55 anos que não tenha familia nem pessoa que a governe.

Quem pretender, deve dirigir-se a esta redação.

